

Arte como caminho missionário: estética, fé e inculturação

Arte como camino misionero: estética, fe e inculturación

Art as a missionary path: aesthetics, faith, and inculturation

Kristoforus Mui¹

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão teológica aprofundada sobre a arte como uma via significativa de evangelização, destacando, de maneira especial, sua potência estética na vivência concreta da fé cristã e no processo dinâmico de inculturação. A arte, quando verdadeiramente iluminada pela experiência profunda do encontro pessoal e comunitário com Cristo, torna-se um caminho missionário fecundo, capaz de comunicar o Evangelho de forma sensível, simbólica, criativa e contextualizada, respeitando a diversidade cultural dos povos. Ao integrar de forma harmoniosa beleza, fé e cultura, a arte revela-se um instrumento privilegiado de diálogo entre o sagrado e o cotidiano das pessoas, promovendo uma aproximação mais humana e espiritual. A metodologia adotada parte de uma abordagem teológico-pastoral, articulando contribuições relevantes da teologia da evangelização, da estética teológica e da missão inculturada. A pesquisa enfatiza a importância da arte como mediação do Mistério divino e expressão encarnada da fé cristã em contextos culturais plurais. Este estudo visa contribuir de maneira concreta com a renovação da ação missionária da Igreja, promovendo uma evangelização mais criativa, sensível às culturas locais, aberta ao Espírito e comprometida com a beleza da fé vivida e testemunhada no mundo de hoje.

Palavras-chave: Arte Sacra; Estética; Inculturação; Evangelização.

Resumen

Este artículo propone una profunda reflexión teológica sobre el arte como vía significativa de evangelización, destacando, de manera especial, su fuerza estética en la experiencia concreta de la fe cristiana y en el proceso dinámico de inculturación. El arte, cuando está verdaderamente iluminado por la experiencia profunda del encuentro personal y comunitario con Cristo, se convierte en un camino misionero fecundo, capaz de comunicar el Evangelio de manera sensible, simbólica, creativa y contextualizada, respetando la diversidad cultural de los pueblos. Al integrar armoniosamente la belleza, la fe y la cultura, el arte



¹ Possui graduação em Filosofia e Teologia pela University Theologia Thomas of Aquino – Indonésia. Missionário da Sociedade do Verbo Divino (SVD) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3316672396117182> E-mail: itomuit2000@gmail.com

demuestra ser un instrumento privilegiado de diálogo entre lo sagrado y la vida cotidiana de las personas, promoviendo un enfoque más humano y espiritual. La metodología adoptada se basa en un enfoque teológico-pastoral, articulando contribuciones relevantes de la teología de la evangelización, la estética teológica y la misión inculturada. La investigación enfatiza la importancia del arte como mediación del Misterio divino y una expresión encarnada de la fe cristiana en contextos culturales plurales. Este estudio pretende contribuir de manera concreta a la renovación de la acción misionera de la Iglesia, promoviendo una evangelización más creativa, sensible a las culturas locales, abierta al Espíritu y comprometida con la belleza de la fe vivida y testimoniada en el mundo de hoy.

Palabras clave: Arte sacro; Estética; Inculturación; Evangelización.

Abstract

This article offers an in-depth theological reflection on art as a meaningful path of evangelization, particularly highlighting its aesthetic power in the concrete experience of Christian faith and in the dynamic process of inculturation. Art, when truly illuminated by the profound personal and communal encounter with Christ, becomes a fruitful missionary path, capable of communicating the Gospel in a sensitive, symbolic, creative, and contextualized way, while respecting the cultural diversity of peoples. By harmoniously integrating beauty, faith, and culture, art reveals itself as a privileged instrument of dialogue between the sacred and the everyday life of people, fostering a more human and spiritual approach. The methodology adopted is based on a theological-pastoral approach, articulating relevant contributions from the theology of evangelization, theological aesthetics, and inculturated mission. The research emphasizes the importance of art as a mediation of the Divine Mystery and an embodied expression of Christian faith in plural cultural contexts. This study aims to contribute concretely to the renewal of the Church's missionary action, promoting a more creative evangelization, one that is sensitive to local cultures, open to the Spirit, and committed to the beauty of a faith that is both lived and witnessed in today's world.

Keywords: Sacred Art; Aesthetics; Inculturation; Evangelization.

Em tempos de mudanças culturais profundas e desafios pastorais diversos, torna-se cada vez mais urgente repensar os meios pelos quais a Igreja anuncia o Evangelho. Dentre esses meios, a arte se revela como um caminho privilegiado de evangelização e inculturação. A sensibilidade estética, profundamente enraizada no coração humano, possui uma força comunicativa que transcende palavras e fronteiras. Por isso, refletir sobre a arte como linguagem missionária é mais do que um exercício acadêmico: é um imperativo pastoral e espiritual.

A missão da Igreja não se reduz à transmissão de doutrinas, mas envolve a comunicação do Mistério de Deus em formas compreensíveis e significativas para os diversos povos e culturas. A arte, com sua linguagem simbólica, imagética e sensorial, tem o potencial de tocar o íntimo da experiência humana e abrir caminhos para o encontro com o transcendente. Nesse sentido, a estética não é apenas acessória ou ornamento, mas se constitui como mediação concreta da fé e da presença de Deus no mundo.



Este artigo tem como objetivo investigar a relação entre arte, missão e inculturação à luz da teologia cristã. A partir de uma abordagem teológico-pastoral e interdisciplinar, busca-se compreender como a arte pode ser um verdadeiro lugar teológico, onde a beleza torna-se sinal do Reino, a fé encontra expressão cultural, e a missão ganha uma linguagem sensível e encarnada. Ao integrar elementos da estética teológica, da teologia da evangelização e da prática inculturada, este estudo deseja contribuir com uma visão mais ampla e encarnada da missão da Igreja no mundo contemporâneo.

1. Fundamentos Teológicos da Missão e da Estética

a. A Missão como Manifestação do Mistério de Deus

A missão, em sua raiz mais profunda, não é uma atividade acessória da Igreja, mas expressão do próprio dinamismo do Mistério de Deus. A teologia contemporânea da missão tem redescoberto sua fundamentação trinitária: o Pai, em seu amor, envia o Filho; o Filho, em sua obediência, cumpre a missão redentora; e o Espírito Santo é derramado para animar a missão contínua da Igreja no mundo (Jo 20,21-22). A missão é, portanto, participação no movimento eterno do amor divino que se comunica, se dá e se revela.

Essa perspectiva trinitária desloca o entendimento da missão como mera expansão religiosa ou proselitismo, e a situa no coração da revelação cristã: Deus é amor em comunhão, e esse amor deseja alcançar todos os povos, línguas e culturas. Como afirma o Documento de Aparecida, “a missão não é apenas uma atividade entre outras da Igreja, mas é sua própria natureza” (DAP 347). Assim, a missão é manifestação do Mistério de Deus que se revela e se oferece ao mundo, sobretudo nos rostos concretos dos pobres, dos povos, das culturas e da criação.

Nesse horizonte, o envio missionário aparece como prolongamento da encarnação do Verbo. Jesus Cristo é o Missionário do Pai, aquele que, assumindo a condição humana, revela o rosto visível do Deus invisível (Cl 1,15). Por isso, toda autêntica missão cristã é cristocêntrica: tem no Verbo encarnado o modelo e o conteúdo do anúncio. Evangelizar é tornar presente o Mistério de Cristo nas realidades humanas, em suas dores, esperanças e expressões culturais. A missão, portanto, é ao mesmo tempo manifestação do Mistério divino e resposta solidária às buscas do coração humano.

Nesse processo, a arte pode desempenhar um papel essencial: como o Verbo se fez carne e assumiu formas humanas de expressão, assim também a missão deve assumir as linguagens que tocam a sensibilidade e o imaginário dos povos. É nesse ponto que a estética missionária começa a se delinear como mediação autêntica do anúncio do Evangelho.

Hans Urs von Balthasar afirma que “a beleza é a evidência desinteressada do verdadeiro e do bom, como sua manifestação sensível” (Balthasar, 1985, p. 21). Para ele, a forma gloriosa de Cristo não apenas expressa o conteúdo da fé, mas revela o próprio mistério de Deus de maneira atraente e acessível ao ser humano. A beleza de Cristo — radiante em sua encarnação, paixão e ressurreição — torna-se, assim, um caminho privilegiado para o encontro com o divino. A forma visível da fé comunica, pela via estética, aquilo que é verdadeiro e bom.

Edward Schillebeeckx destaca que Deus não se revela fora da história, mas no seio da realidade humana concreta, especialmente na figura de Jesus de Nazaré. Cristo é o “sacramento primordial”, pois, nele, o invisível se torna visível, o inaudível se faz audível e o transcendente se encarna no humano. Sua humanidade é a transparência do mistério divino. A partir dessa cristologia, a Igreja é também sacramento: sinal sensível e eficaz da graça de Deus. Seus ritos, gestos, práticas comunitárias e o cotidiano dos fiéis tornam-se mediações reais da presença de Deus, quando vividos em comunhão com o Cristo encarnado. Para Schillebeeckx, a sacramentalidade da Igreja está imersa na história, e a experiência humana de sofrimento, esperança e libertação pode tornar-se autêntico lugar teológico. Deus continua a falar e agir no mundo, não como força mágica, mas como apelo à conversão, justiça e solidariedade. Como ele afirma: “Cristo é o sacramento primordial de Deus no mundo, porque nele Deus se torna tangível, visível, humano: em Jesus Cristo Deus mesmo se encontra com os homens” (Schillebeeckx, 1969, p. 21).

Nesse horizonte de mediações sensíveis — que integram beleza, história e corporeidade — Paul Tillich acrescenta um importante contributo ao considerar a arte como via simbólica de acesso ao sagrado. Para ele, a arte “abre uma visão para a realidade última, para aquilo que é decisivo e absoluto” (Tillich, 1987, p. 48). A sensibilidade estética, portanto, torna-se caminho legítimo e profundo para o encontro com o Mistério, tal como os sacramentos e a própria existência vivida à luz da fé. Assim, a missão não pode prescindir da linguagem estética, pois essa comunica de maneira intuitiva e universal aquilo que o coração da fé deseja anunciar: Deus se fez próximo, belo e acessível.

b. Estética Teológica: A Beleza como Porta para a Fé

Desde os primeiros séculos, a tradição cristã reconheceu na beleza uma via privilegiada para o encontro com o Mistério. Para os Padres da Igreja, a criação revelava em suas formas e proporções a presença do Logos criador. Essa percepção se aprofundou na escolástica, especialmente em Santo Tomás de Aquino, que identificou a beleza como a manifestação do ser em sua integridade (integritas), proporção (consonantia) e clareza (claritas), dimensões que participam da tríade transcendente do *verum*, *bonum* e *pulchrum* — verdade, bondade e beleza — expressões convergentes do próprio Deus (*Suma Teológica*, I, q. 39, a. 8; *De Veritate*, q. 1, a. 1). Para Aquino, a beleza não é acessória, mas irradiação do ser, e por isso, ao ser contemplada, conduz à fonte de onde provém: Deus.

No século XX, Hans Urs von Balthasar retomou e radicalizou essa tradição ao afirmar que “a beleza é a última palavra que o espírito pensador ousa proferir” (Balthasar, 1987, p. 20). Sua *estética teológica* propõe que a revelação não se dá apenas por proposições doutrinárias, mas possui uma forma — a *Gestalt* — que se expressa na figura de Cristo, especialmente em sua cruz e glória. O esplendor dessa forma é epifania do amor que se doa. A beleza de Cristo crucificado é, portanto, uma beleza pascal: despojada, ferida e, justamente por isso, redentora. Nela, a glória de Deus se torna visível na entrega total de si. Para Balthasar, a forma de Cristo revela a plenitude da Verdade e do Bem, atraindo não pela imposição, mas pelo fascínio do Amor.

Jean-Luc Marion, em continuidade com a tradição teológica da beleza, aprofunda a convicção de que tanto a revelação quanto a beleza transcendem os limites da objetividade e da lógica instrumental. Em sua teoria do “fenômeno saturado”, ele defende que certas



manifestações — como o rosto de Cristo — não podem ser plenamente compreendidas ou dominadas, pois se apresentam como dádivas absolutas, e não como objetos passíveis de apropriação. Como ele afirma: “A beleza não é compreendida pela razão, mas é aquilo que nos obriga a olhar de novo, como algo que excede” (Marion, 1997, p. 267). O rosto, nesse contexto, revela o infinito e nos convoca a uma postura de escuta, acolhida e reverência. Aqui, estética, ética e teologia se entrelaçam, pois contemplar o outro — especialmente o Rosto de Cristo — é adentrar o espaço da responsabilidade e da revelação.

Essa experiência de uma beleza que fere e abre para o eterno ressoa em Simone Weil, para quem a beleza é uma das formas mais puras da atenção. Ela escreve: “A beleza fere de imediato o coração. A ferida provocada pela beleza é como uma semente que, ao amadurecer, nos introduz na esfera do Bem” (Weil, 1993, p. 144). Para Weil, a beleza autêntica não satisfaz o ego, mas o esvazia; não entretém, mas descentra. A alma tocada por essa presença experimenta um deslocamento interior que a orienta ao absoluto.

Nessa perspectiva, a arte se revela como lugar privilegiado de mediação do sagrado. Paul Tillich já havia afirmado que a arte tem a missão de “tornar visível o conteúdo da revelação, traduzindo-o em formas sensíveis” (Tillich, 1959, p. 48). Quando inspirada pela fé, a arte sacra ultrapassa a mera representação simbólica: ela se torna epifania do Mistério, abertura do tempo ao eterno, expressão sensível da Palavra encarnada. Por isso, educa o olhar para o invisível, desperta a escuta do coração e convida à contemplação silenciosa — fazendo-se verdadeira escola espiritual.

Nesse mesmo sentido, Bento XVI recorda que “a experiência estética autêntica pode tornar-se, de certa forma, um caminho rumo ao Transcendente, ao Mistério último, a Deus” (Bento XVI, 2009). A estética teológica, portanto, não se limita a uma teoria do belo, mas propõe um percurso mistagógico: um itinerário interior onde razão, sensibilidade, fé e cultura se entrelaçam.

Bruno Forte sintetiza essa visão ao afirmar que “a arte é um espaço privilegiado da experiência espiritual e uma via autêntica de revelação” (Forte, 2006, p. 116). A beleza, longe de ser um adorno supérfluo, torna-se linguagem divina — especialmente significativa em uma época marcada pelo esgotamento da razão e pela saturação dos discursos institucionais. Ainda quando tudo parece obscurecido, a beleza permanece como uma “porta da fé”, um chamado silencioso, mas irresistível, à escuta do Infinito.

2. A Arte como Expressão Encarnada da Fé

a. A Linguagem Simbólica e o Mistério

A linguagem simbólica ocupa um lugar central na experiência religiosa. O símbolo, ao contrário do sinal meramente funcional, não esgota seu sentido em uma única significação; ele remete a algo maior, profundo, misterioso. Na tradição cristã, os símbolos são portadores de uma densidade espiritual que permite tocar o Mistério de Deus sem esgotá-lo. Por meio deles, a fé se comunica de maneira sensível, acessível e ao mesmo tempo transcendente. O símbolo une o visível e o invisível, o concreto e o eterno.

Na comunicação da fé, os símbolos possibilitam um encontro existencial e espiritual com o sagrado. A cruz, a água, o pão, o fogo, o óleo, as cores litúrgicas e as imagens sagradas não são apenas elementos decorativos ou rituais, mas manifestações da presença divina na vida do povo. Eles falam à memória coletiva, despertam afetos, reavivam a fé e inserem o crente numa história de salvação viva e atuante. O símbolo cristão, portanto, não é neutro: ele nasce da encarnação e da pascalidade de Cristo, tornando-se mediação da graça.

Nesse contexto, a arte assume um papel fundamental. Ela traduz o conteúdo da fé em formas que podem ser vistas, tocadas, ouvidas e contempladas. A arte sacra se manifesta como expressão litúrgica, na beleza das celebrações e nos espaços sagrados; como instrumento catequético, ao ilustrar narrativas bíblicas e doutrinas da fé; e como via mística, ao abrir a alma ao silêncio, à contemplação e à presença de Deus. Ela une teologia e sensibilidade, doutrina e beleza, pedagogia e espiritualidade.

A liturgia, especialmente, é o lugar privilegiado onde a arte e a linguagem simbólica se entrelaçam. Os gestos, os cantos, os objetos sagrados, os ícones e os espaços celebrativos são cuidadosamente pensados para expressar e tornar presente o Mistério pascal. A arte litúrgica não é adorno, mas teologia em forma sensível. Ela educa os sentidos para perceber a presença do Ressuscitado na comunidade reunida.

Dessa forma, a arte não apenas ilustra a fé, mas a encarna. Ao assumir os símbolos de uma cultura, ela se torna expressão da fé contextualizada e viva, contribuindo para uma verdadeira inculturação do Evangelho. Por isso, reconhecer e valorizar a linguagem simbólica da arte é essencial para uma missão que deseja tocar o coração humano e conduzir à experiência do Mistério.

b. A Espiritualidade Encarnada nas Formas Artísticas

A fé cristã, desde suas origens, nunca se limitou à esfera puramente conceitual ou abstrata. Ao contrário, ela sempre buscou expressar-se de maneira sensível e concreta, como prolongamento da encarnação do Verbo. A espiritualidade cristã se manifesta, portanto, em formas visíveis que tornam presente o invisível, dando corpo à experiência do sagrado por meio das artes: nos ícones, na música, na arquitetura e nas expressões visuais do culto e da vida cotidiana.

Os ícones, por exemplo, são mais do que representações religiosas: são janelas para o Mistério, criados não apenas para serem vistos, mas para serem contemplados. Na tradição oriental, eles são teologia em cores, expressão orante da fé que educa o olhar para o encontro com Cristo, Maria e os santos. A espiritualidade iconográfica transmite uma presença real, silenciosa e compassiva do divino, tornando-se um caminho de oração e comunhão.

A música sacra é uma das formas mais universais de expressão espiritual. Por meio da melodia, da harmonia e da letra, a fé se transforma em vibração, ritmo e louvor. Joseph Ratzinger (Bento XVI), em *O Espírito da Liturgia*, dedica especial atenção à música litúrgica, afirmando: "A música sacra nasce da Palavra e é voltada para ela. [...] Ela deve ser uma forma de tornar audível o Logos, a Palavra, que é Cristo."



Para Ratzinger, a música na liturgia não é um simples adorno, mas uma verdadeira manifestação da fé, que busca na beleza um caminho para Deus. A música litúrgica autêntica, segundo ele, participa da harmonia do cosmos e conduz os fiéis à contemplação do Mistério. Assim como Santo Agostinho, Ratzinger reconhece o poder único da música de tocar profundamente o coração humano, estabelecendo uma ponte entre o terreno e o divino. Sua reflexão aprofunda a compreensão de que a música sacra não apenas acompanha o rito, mas o interpreta e eleva, tornando-se uma forma genuína de oração que comunica o mistério da fé por meio de sons, silêncios e louvores.

A arquitetura sagrada também desempenha um papel profundo. As igrejas e os templos são concebidos não apenas como espaços funcionais, mas como sinais do sagrado inseridos no coração do mundo. A disposição dos elementos, a luz, os materiais e a forma revelam uma teologia do espaço, que acolhe o povo e aponta para o transcendente. Em muitas culturas, a construção do templo é um ato espiritual coletivo, carregado de simbolismo, memória e identidade.

As artes visuais — como a pintura, a escultura, a tapeçaria, a cerâmica — completam essa expressão espiritual, oferecendo imagens que inspiram, ensinam e comovem. Quando enraizadas na vida do povo, essas formas artísticas tornam-se verdadeiras encarnações da fé popular e comunitária. Nesse sentido, a arte cristã se realiza plenamente quando está enraizada na cultura local. Exemplos concretos abundam:

- Na **arte indígena**, os traços, as cores e os materiais naturais são expressão da profunda conexão com a terra, com o tempo cíclico e com o sagrado que habita todas as coisas. A evangelização respeitosa permitiu que símbolos como o sol, a água, os animais e os elementos da floresta fossem assumidos como sinais da presença de Deus Criador.
- Na **arte afro-brasileira**, o corpo, o ritmo, a dança e os símbolos ancestrais se fundem em uma espiritualidade comunitária e libertadora, que expressa a resistência da fé diante da dor histórica da escravidão e da exclusão.
- Na **arte latino-americana**, como a de Maximino Cerezo Barredo, o rosto de Cristo aparece no rosto do povo pobre, camponês, lutador — revelando uma espiritualidade engajada, encarnada na história e marcada por uma esperança pascal.

Essas formas artísticas revelam que a fé não é algo abstrato, mas profundamente encarnado na carne do povo, em suas alegrias e sofrimentos, em sua cultura e linguagem. A arte torna-se, assim, sacramento da vida espiritual, sinal da presença de Deus que se comunica com cada povo segundo sua própria forma de ver, sentir e viver.

3. Inculturação e Evangelização pela Arte

a. O Conceito de Inculturação e seus Desafios

A inculturação constitui um dos pilares fundamentais para a missão da Igreja no mundo contemporâneo. Mais do que uma simples adaptação da mensagem cristã às realidades

locais, ela é um processo profundo de integração recíproca entre fé e cultura. O Evangelho, ao ser anunciado, é semeado no solo fértil de uma cultura concreta, que, por sua vez, é acolhida, iluminada e transformada pela força libertadora do Reino de Deus. Trata-se de um caminho de encarnação mútua, em que a fé se torna carne na vida dos povos e estes, com suas expressões simbólicas e sensíveis, oferecem novas linguagens ao Mistério cristão.

Importa distinguir inculturação de aculturação. Enquanto a aculturação historicamente esteve associada à imposição da cultura dominante — muitas vezes a europeia — sobre as culturas locais, apagando suas identidades, a inculturação se propõe como uma via dialógica. Ela implica um respeito profundo à dignidade e aos valores das culturas autóctones, reconhecendo que Deus já está presente e operante nelas. Como afirmou Paulo VI, “a Igreja deve ser evangelizadora e, ao mesmo tempo, evangelizada pelas culturas” (EM, 20). O Espírito Santo precede a missão e age na história dos povos, preparando caminhos para a Palavra.

José Comblin (2000) expressa de maneira contundente essa visão ao afirmar que a inculturação verdadeira só ocorre quando o Evangelho entra em diálogo com a experiência humana concreta. É preciso que o cristianismo se torne palavra compreensível no universo simbólico dos pobres. Para ele, o anúncio da Boa Nova não pode ser feito em moldes abstratos ou coloniais; deve dialogar com a linguagem do povo, especialmente dos oprimidos. Essa perspectiva ressoa na crítica à “tradição clerical” que, em muitos contextos, impôs modelos culturais e religiosos estrangeiros, desfigurando a força libertadora da fé.

Jon Sobrino, teólogo da libertação, avança nessa direção ao integrar inculturação e justiça histórica. Para ele, a encarnação do Evangelho nas culturas não é apenas uma questão estética ou litúrgica, mas implica a opção preferencial pelos pobres e a denúncia das estruturas que oprimem. “A verdadeira inculturação do Evangelho é inseparável da solidariedade com os crucificados da história” (Sobrino, 1992). Nesse horizonte, cultura e salvação se entrelaçam: anunciar Cristo é também anunciar um novo mundo, onde os marginalizados se tornam protagonistas da fé.

Esse processo, contudo, exige da Igreja uma postura de escuta atenta e de humildade espiritual. Evangelizar não é colonizar, mas caminhar com os povos, reconhecendo que a revelação se faz história e se traduz em símbolos, ritos, cantos, cores e gestos próprios. Como afirma Anselm Grün, “Deus fala nas imagens do povo, nos gestos simples, na música, na dança e na cor” (Grün, 2003). A inculturação, nesse sentido, atinge não apenas o intelecto, mas a sensibilidade, o corpo e o imaginário.

A Conferência de Aparecida (2007) retoma com vigor a valorização da piedade popular como uma forma legítima de viver o Evangelho, pois expressa “uma mística encarnada na cultura dos simples” (DAp, 263). A inculturação, então, se faz também no campo do sensível, da arte e da estética. A evangelização torna-se mais eficaz quando acolhe a simbologia que brota do coração do povo.

Neste ponto, a arte se revela como um canal privilegiado da inculturação. Mais do que ornamentação litúrgica, ela é mediação espiritual e ponte entre o Evangelho e as culturas. Maximino Cerezo Barredo, em sua obra profética, mostra como a arte popular latino-americana, quando iluminada pela fé, torna-se uma “profecia encarnada”. Seus murais e dese-



nhos traduzem a experiência de um Cristo presente nos pobres, indígenas, camponeses e mulheres, revelando que a fé cristã pode ter traços andinos, afrodescendentes, sertanejos — sem perder sua catolicidade, mas tornando-se verdadeiramente encarnada.

A partir disso, percebe-se que a inculturação artística não é apenas uma questão de estética visual, mas uma expressão teológica profunda. O Belo, como nos recorda Hans Urs von Balthasar, revela o amor que se dá gratuitamente. Em sua *estética teológica*, ele afirma que “a forma de Cristo — crucificado e glorioso — é o lugar onde se manifesta com intensidade a glória de Deus” (Balthasar, 1987). Assim, a arte, ao retratar o Mistério pascal em traços culturais locais, torna-se revelação e evangelização.

A inculturação, enquanto processo dinâmico e contínuo, requer um discernimento atento entre a fidelidade ao núcleo inalterável do Evangelho e a abertura ao rico patrimônio simbólico e cultural dos povos. Longe de significar uma relativização da fé, trata-se, ao contrário, de sua inserção profunda e vital nas realidades concretas, de modo que a Palavra de Deus possa ser acolhida, compreendida e vivida em toda a sua força transformadora.

Como afirma o Papa Bento XVI, “a universalidade da Igreja não anula a singularidade dos povos, mas se enriquece com ela” (AM, 37). A verdadeira catolicidade se realiza, assim, como comunhão na diversidade, unidade na pluralidade, expressão viva do mistério da Encarnação do Verbo, que assume a humanidade concreta em suas múltiplas expressões culturais. Entretanto, é necessário recordar que o autêntico protagonista da inculturação é o Espírito Santo. É Ele quem fecundamente conduz o diálogo entre a Palavra revelada em Cristo e as aspirações mais profundas que emergem da multiplicidade das culturas. O Espírito faz com que o Evangelho possa penetrar todas as culturas, purificando-as, elevando-as e fecundando-as, sem jamais se deixar reduzir por nenhuma. Compete aos pastores da Igreja discernir, com prudência e fidelidade, os elementos culturais que são incompatíveis com a verdade evangélica, separando, com caridade e sabedoria, o trigo do joio (Mt 13,26).

Dessa forma, o cristianismo, permanecendo plenamente fiel à Tradição e ao anúncio apostólico, adquire o rosto concreto dos povos que o acolhem com fé. A Igreja, então, torna-se sinal profético do futuro que o Espírito prepara, ícone vivo da comunhão reconciliada na diversidade. Nesse caminho, cada cultura – inclusive a africana – oferece sua contribuição insubstituível à edificação do Corpo de Cristo na história.

b. A Arte como Lugar de Encontro e Reconciliação

A arte, quando inspirada pela fé e enraizada na cultura dos povos, torna-se um espaço privilegiado de encontro e reconciliação. Sua linguagem simbólica, não verbal e profundamente humana, é capaz de unir diferenças, curar feridas históricas e construir pontes entre mundos diversos. Por isso, ela não apenas comunica, mas também reconcilia: reconcilia culturas com o Evangelho, povos entre si e o ser humano com Deus. A arte é, nesse sentido, uma expressão da catolicidade, entendida não apenas como universalidade geográfica, mas como abertura à pluralidade cultural no seio da unidade da fé.

Na missão da Igreja, a arte pode e deve ser instrumento de diálogo intercultural, expressão viva de um Evangelho que assume os traços, cores, símbolos e histórias dos povos com os

quais entra em relação. Quando acolhida como forma legítima de manifestação do sagrado, a arte local não é descartada, mas elevada: torna-se lugar teológico, meio pelo qual o Espírito Santo se expressa na linguagem dos corações e das culturas.

Um exemplo emblemático desse processo é a experiência missionária na Prelazia de São Félix do Araguaia, no Brasil, onde a arte foi assumida como parte essencial da evangelização. Ali, em meio a uma realidade marcada pela luta pela terra, pela presença de comunidades indígenas e pela pobreza do povo, a arte não foi vista como ornamento litúrgico, mas como expressão profética da fé encarnada na realidade.

Nesse contexto, destaca-se a atuação do artista e missionário claretiano Maximino Cerezo Barredo, cuja obra visual se tornou uma verdadeira teologia da libertação em imagens. Seus murais, desenhos e ícones reinterpretam os temas bíblicos a partir dos rostos, gestos, lutas e esperanças do povo latino-americano. Em sua arte, o Cristo crucificado é identificado com o camponês assassinado, a Virgem Maria é retratada como mulher do povo, e os profetas assumem traços indígenas ou afrodescendentes. Trata-se de uma estética profundamente inculturada e libertadora, que faz da arte um canal de anúncio e de denúncia.

Essa forma de arte não apenas comunica uma mensagem teológica, mas convida à conversão do olhar: é preciso ver Cristo nos pobres, na terra ferida, nos que resistem com esperança. A arte de Cerezo Barredo, nascida da escuta das comunidades e do compromisso com sua realidade, mostra como a estética pode ser caminho de reconciliação entre fé e cultura, entre Igreja e povo, entre Evangelho e história concreta.

Portanto, a arte missionária inculturada não busca impor formas estrangeiras, mas revelar a presença de Deus que já habita o coração dos povos, ajudando-os a expressar sua fé com dignidade e beleza próprias. Assim, a arte torna-se lugar de encontro: entre o humano e o divino, entre o passado e o futuro, entre o local e o universal, entre a dor e a esperança.

4. Contribuições Pastorais e Missionárias

a. A arte como pedagogia do Evangelho

Mais do que um mero recurso estético, a arte é uma ferramenta poderosa e eficaz para a evangelização. Ela se comunica diretamente com nossos sentidos, memória e imaginação, permitindo uma catequese que vai além da razão. A arte toca o afeto e a espiritualidade, tornando a fé mais acessível e viva. Em comunidades onde o nível de escolaridade formal é baixo, a imagem, a música e a expressão corporal ganham um papel ainda mais central na transmissão da fé. Elas ajudam a recordar, celebrar, compreender e, principalmente, a encarnar os mistérios cristãos na vida diária.

Evangelizar por meio da arte significa permitir que o Evangelho seja não apenas “visto”, mas também “ouvido” e “sentido”. Ao fazer isso, a mensagem de fé se integra de forma profunda na cultura do povo, tornando-se uma parte intrínseca de sua identidade e de sua forma de viver. A arte, portanto, é uma verdadeira pedagogia do Evangelho, um caminho que ensina e transforma.



b. Propostas para a pastoral da arte e formação missionária

Para que a arte possa cumprir seu papel missionário, é necessário que seja integrada à ação pastoral de modo consciente e formativo. Algumas propostas concretas incluem:

- Valorizar e promover as expressões artísticas locais nas comunidades eclesiais (dança, teatro, pintura, cerâmica, canto, bordado, entre outros);
- Criar espaços de formação teológico-artística para agentes pastorais e missionários, capacitando-os a discernir e utilizar a arte como linguagem de evangelização;
- Incentivar o diálogo entre artistas e comunidades, especialmente na criação de espaços celebrativos e símbolos litúrgicos contextualizados;
- Fomentar oficinas de espiritualidade e arte que unam oração, criatividade e sensibilidade missionária.

A formação missionária, nesse sentido, precisa incluir a dimensão estética da fé, ajudando o evangelizador a reconhecer e valorizar a arte como via legítima de inculturação do Evangelho. Uma pastoral que integra arte e missão é mais criativa, sensível e aberta à diversidade.

c. A importância do cuidado estético nas celebrações e espaços litúrgicos

Por fim, é indispensável recuperar o valor do cuidado estético nas celebrações litúrgicas e nos espaços sagrados. A liturgia, como ação simbólica da comunidade que celebra o Mistério de Cristo, deve expressar dignidade, beleza e reverência. O espaço litúrgico, os objetos, as vestes, os cantos, as cores e os gestos comunicam — ou negam — a profundidade do Mistério celebrado.

O cuidado com a estética não é vaidade, mas dimensão do anúncio. Quando bem orientada, a arte nas celebrações eleva o espírito, envolve a comunidade, cria comunhão e favorece a escuta da Palavra e a experiência da graça. Uma liturgia artisticamente cuidada torna-se, por si mesma, testemunho missionário. Por isso, urge formar comunidades que valorizem o belo a serviço do sagrado, que compreendam a arte como expressão da fé vivida e celebrada, e que acolham os dons artísticos dos fiéis como parte da vocação batismal de construir o Corpo de Cristo.

5. Conclusão

Este artigo procurou destacar a importância da arte como caminho missionário, articulando suas dimensões estética, espiritual e cultural no contexto da missão da Igreja. Foi evidenciado que a missão não se limita à transmissão de conteúdos doutrinários, mas envolve a comunicação do Mistério divino de maneira encarnada, sensível e contextualizada. A arte, entendida como linguagem simbólica e expressão da beleza transcendente, constitui uma via privilegiada para essa comunicação, abrindo os corações à experiência da fé.

Além disso, ressaltou-se o papel fundamental da inculturação no processo missionário, que pressupõe escuta, diálogo e valorização das culturas locais. A arte, ao expressar o rosto e as histórias dos povos, torna-se ponte de encontro e reconciliação, um espaço onde o Evangelho se manifesta com autenticidade e criatividade. Exemplos concretos, como a obra missionária de Maximino Cerezo Barredo em São Félix do Araguaia, ilustram como a arte pode assumir dimensão profética e libertadora na missão.

Finalmente, o chamado à missão é também um chamado à beleza e à criatividade. Evangelizar é construir pontes, renovar linguagens e testemunhar com sensibilidade e arte a presença do Reino de Deus no mundo. A pastoral da arte e a formação missionária devem ser fortalecidas para que a Igreja continue a ser fermento de beleza, esperança e transformação. Olhando para o futuro, a arte se revela não apenas como instrumento, mas como testemunho profético e sinal do Reino por vir. Em um mundo marcado por desafios culturais, sociais e espirituais, a arte pode iluminar caminhos, despertar consciências e convidar à conversão, reafirmando a beleza da fé e a esperança da comunhão definitiva com Deus.

6. Referências

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Corrêa. Petrópolis: Vozes, 2003. Parte I, questão 39, artigo 8.

AQUINO, Tomás de. *De Veritate*. Questão 1, artigo 1. Tradução selecionada disponível em edições teológicas diversas.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria: una estética teológica – I: La percepción de la forma*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

BENTO XVI. *Africae Munus*. Vaticano, 2011. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/2011/documents/hf_ben-xvi_apl_20111119_africae-munus.html. Acesso em: 25 jun. 2025.

BENTO XVI. *Discurso aos artistas*. Capela Sistina, 21 nov. 2009. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COMBLIN, José. *Teologia da enxada*. São Paulo: Paulus, 2000.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Fé e inculturação*. Cidade do Vaticano: Vaticano, 1988.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Aparecida, 2007. Disponível em: <https://www.celam.org/documento-de-aparecida/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

FORTE, Bruno. *A beleza de Deus: estética teológica e face de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GRÜN, Anselm. *Deus e os símbolos da vida*. Petrópolis: Vozes, 2003.



MARION, Jean-Luc. *Étant donné: essai d'une phénoménologie de la donation*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1997. p. 267.

MUIT, Kristoforus. *Arte e missão: uma estética missionária à luz da obra de Maximino Cerezo Barredo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, 2022.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Vaticano, 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/. Acesso em: 25 jun. 2025.

RATZINGER, Joseph. *O espírito da liturgia*. Tradução de José Angelo Ceschin. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1968.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. São Paulo: Vozes, 1992.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 1987.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Tradução de José Carlos Bruni. Petrópolis: Vozes, 1993.

Recebido: 02 de setembro de 2025 | Aceito: 8 de outubro de 2025